

Opressão e escravidão no episódio do vergalho em

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti¹

Resumo: Este texto tem por objetivo analisar e discutir a questão da opressão e a escravidão no episódio do vergalho, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Faremos uso dessa fonte literária do século XIX, pois além de ser uma obra importante e considerada uma das mais revolucionárias e inovadoras da literatura brasileira, permite-nos analisá-la sob viés histórico, uma vez que o presente romance marcou o início do realismo no Brasil. Tomando como eixo central o episódio do vergalho, protagonizado pelo escravo Prudêncio, procuramos discutir como o escravo após ser alforriado pelo pai de Brás Cubas comportou-se na sociedade de sua época e como este sobrevivia num meio de dominação da elite senhorial.

Palavras-chave: Brás Cubas; escravidão; Prudêncio.

Abstract: The purpose of this text is to analyze and discuss the issue of oppression and slavery in the episode of the *vergalho*, in Machado de Assis' romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, from the XIX century. The use of this literary source considers its importance as one of the most revolutionary and innovative books in Brazilian literature, and the possibility of analyzing it from the historical view, since the romance marked the beginning of realism in Brazil. By focusing on the *vergalho* episode, whose main character was the enslaved man Prudêncio, we aim at discussing how this character behaved in his society after being freed by Brás Cubas' father, and how he survived in a context dominated by an aristocratic elite.

Keywords: Brás Cubas; slavery; Prudêncio.

¹ Universidade Estadual Paulista de Assis (UNESP). Mestrando em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista de Assis (UNESP), graduado em História pela Universidade Estadual Paulista de Assis (UNESP) e graduando em Letras pela mesma instituição.

Nossa intenção, além de contribuir para futuros estudos sobre temas machadianos, especificamente aqui do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881 por Machado de Assis, é discutir a questão da escravidão no Brasil no século XIX, utilizando como fonte esta literatura romanesca de caráter realista. Assim, tomaremos o episódio do vergalho, representado pelo escravo Prudêncio, como nossa questão principal de análise, tendo como objetivo analisar como o escravo, após ser alforriado pelo pai de Brás Cubas, se comportou na sociedade de sua época e como este passou a sobreviver num meio de dominação da elite senhorial. Para isso, também indagamos a respeito da ferida social deixada pela escravidão no Brasil. Cabe ressaltar que analisamos a 3ª edição do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado pela editora Martin Claret, em 2012.

As *Memórias póstumas de Brás Cubas* foram publicadas originalmente na *Revista Brasileira*, entre o período de 15 de março a 15 de dezembro de 1880, sendo publicadas sob a forma de romance no ano seguinte, com algumas alterações, o qual já era bem conhecido por grande parte do público que lia o jornal. O enredo do romance apresentou inovações nunca antes vistas em nossa literatura durante o século XIX, pois a perspectiva do narrador foi ousada. Desta maneira, o recém-defunto Brás Cubas, que era filho de uma rica família escravocrata e latifundiária, e criado sob os mimos de um ambiente onde tudo era permitido, conta sua história de vida, começando pela

morte, ocasião em que estava cercado por onze bons amigos, sob a chuva.²

Escrito em primeira pessoa e composto por 160 capítulos, sem linearidade, isto é, não seguindo uma ordem cronológica dos fatos, o romance retrata o passado de Cubas começando pelo fim de sua vida, desde sua visão a respeito das pessoas que conheceu em vida, até os amores frustrados que teve por uma prostituta, denominada Marcela, quando era mais jovem, e por Virgília, mulher casada, pela qual se apaixonou depois que voltou de Coimbra, onde formou-se em Direito. Cubas, ao contar sua história, apresenta-se com sessenta e quatro anos de idade, vindo a falecer às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, em sua chácara de Catumbi. Em suas recordações percebemos que em vida vivia desocupado, vestindo trajes elegantes e sendo um homem pretensioso.

Dentre os diversos temas que podemos encontrar na obra estão o forte interesse na carreira política pretendido por Cubas e por outras personagens, as amizades baseadas em trocas de interesses, a infidelidade no casamento e fidelidade de amigos, visando alguma vantagem financeira, e a questão da escravidão brasileira.

O realismo e as *Memórias póstumas de Brás Cubas*

O realismo surgiu na segunda metade do século XIX, como um movimento sociocultural originário da literatura europeia. É a Gustave

² CHAUVIN, Jean Pierre. In: ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Flaubert que sua origem é atribuída, com o romance *Madame Bovary*, de 1857. No Brasil, o marco do realismo deu-se com a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881.³

A literatura realista nasceu atrelada a diversas discussões relacionadas a política, sociedade, ciência, economia e cultura, sendo caracterizada por narrativas densas, de teor psicológico, com a preocupação dos escritores em problematizar e contextualizar o mundo vivenciado pelas personagens em suas obras. Nesse sentido, “[...] reuniam um conjunto de características que ora aproximavam seus atos e pensamentos da classe social a que pertenciam, ora revelavam a hipocrisia nos meios em que circulavam”.⁴

Os prosadores realistas, comparados aos escritores que seguiam o Romantismo, introduziram grandes mudanças na forma e conteúdo da literatura, como:

- 1) na prosa realista, os temas voltam-se para as relações sociais entre os homens de diferentes condições e classes sociais;
- 2) os romances, em vez de apresentarem uma visão idealizada do amor, passam a denunciar o caráter artificial do casamento, de modo a criticar, especialmente, a nova burguesia;
- 3) os autores passam a enfatizar as cenas domésticas, o que favorecia os diálogos e caráter privado e a cumplicidade do narrador.⁵

³ CHAUVIN, Jean Pierre. In: ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

⁴ CHAUVIN, Jean Pierre. In: ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 11-12.

⁵ CHAUVIN, Jean Pierre. In: ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 12.

Além disso, diversas naturezas políticas serviam de base para o realismo, como: o abolicionismo, o liberalismo e o republicanismo. Nesse sentido, para Bosi⁶, o escritor realista levará a sério as suas personagens, descobrindo-lhes as verdades que as envolvem e as causas de seus comportamentos. Temos, assim, uma passagem do romantismo ao realismo, em que há uma mudança do vago ao típico e do idealizante ao factual.

É na ficção de Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2012), que temos o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista, apresentando-nos uma revolução tanto ideológica quanto formal:

aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.⁷

Foi só no século XIX que em oposição ao idealismo romântico, relacionado com a classe alta, que o realismo surgiu para mostrar a verdadeira vida dos humildes, dos homens e mulheres mais simples, renegados pela sociedade. O realismo é a tendência literária que destaca a verdade, a vida como de fato é, encarando o homem e o mundo de

⁶ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 187.

forma objetiva, para interpretar a sociedade e seu entorno. Deste modo, o escritor realista procura retratar a realidade por meio de detalhes específicos, fazendo com que a narrativa fique longa e lenta, dando a nítida impressão da lealdade dos fatos.⁸

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2012), temos o retrato do Brasil colonial do século XIX, marcado por uma sociedade de grandes latifúndios, a escravidão e a produção de gêneros primários para a exportação. Nossa população se dividia em latifundiários, escravos e uma classe intermediária, os homens livres, ou dependentes.⁹

Concomitantemente, podemos fazer uma associação com as ideias de Caio Prado Júnior¹⁰, segundo o qual a essência de nossa formação econômica colonial baseou-se na produção de alguns gêneros para o comércio europeu, dos quais não visávamos o desenvolvimento de nossa economia interna, mas sim tínhamos os olhos voltados para o mercado externo. Nesse sentido, o homem branco europeu veio para o Brasil com a intenção de estabelecer um negócio e acabou ficando por aqui, recrutando a mão de obra de que precisava: indígenas ou negros importados. É com tal intenção totalmente vinculada a uma organização industrial e produtora que se constituiu a nossa colônia brasileira.

⁸ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFF, 1986. v. 4.

⁹ CALABRESI, Luís H. de F.; BITTAR, Marisa. A formação superior nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Os Irmãos Karamázovi*, de Fiódor Dostoiévski. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n. 44, p. 171-188, dez. 2011.

¹⁰ PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Diante deste contexto histórico, Machado de Assis nos conta a história de Brás Cubas, um representante da classe senhorial, que era proprietário de terras e de escravos, levando uma vida de futilidades e caprichos, típica da aristocracia, tendo todas as suas vontades atendidas, tendo inclusive, desde a infância, um escravo para realizar as mais diversas travessuras e violências, muitas vezes utilizando-se deste como se fosse um animal.

Para Schwarz¹¹, Machado mostrava uma expressão da sociedade real, ao transpor para o estilo todas as relações sociais que observava, interiorizando para si o país e o tempo vivido. O estilo machadiano retratava as particularidades da sociedade brasileira, escravista e burguesa ao mesmo tempo. O escritor também tinha um método muito famoso e de destaque, que podemos perceber em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2012), em que o narrador invade a cena a todo momento, dialogando com o leitor e interrompendo o curso do romance.

No contexto do romance, a emancipação política, ligada à Independência do Brasil, em 1822, embora integrasse a passagem para uma nova ordem do capital, teve caráter conservador. Segundo Schwarz¹²:

¹¹ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 1990.

¹² SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 1990, p. 25-26.

[...] as conquistas liberais da Independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas não chegavam ao complexo sócio econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução. Noutras palavras o senhor e o escravo, o latifúndio e os dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado.

Com a Independência do Brasil, não houve basicamente as transformações essenciais em nosso sistema colonial, ficando o senhor, o escravo, o latifúndio e todas as bases que os envolviam como estavam. O tráfico de africanos, por exemplo, continuou como estava, rendendo bons negócios aos senhores coloniais, até sua suspensão em 1850. De fato, as transformações só começariam a ocorrer mesmo no final do século XIX.

A questão da escravidão no episódio do vergalho

Partimos da premissa de que a violência gera violência e o escravo Prudêncio em *Memórias póstumas de Brás Cubas* representa essa argumentação; ao mesmo tempo, Prudêncio traz como herança da escravidão a lição de que o mecanismo de poder e distinção é a violência e consequentemente a submissão.

Desde menino, Cubas já estava inserido numa tradição da sociedade burguesa de uma cultura elitista do século XIX, e como sua família não impunha limites à criança, a personagem podia fazer o que quisesse. É assim que Cubas, quando criança, relatou que quebrou a cabeça de uma escrava, pois ela lhe negara uma colher do doce de coco

que estava fazendo. Entre outras traquinagens, fazia o escravo Prudêncio, também menino, como um cavalo, montando em cima dele e judiando do infeliz.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo -, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonhô!”, ao que eu retorquia: - Cala a boca, besta! – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.¹³

Vemos, portanto, que não eram colocados limites a Cubas quando menino, e seu pai contribuía para o seu comportamento violento

¹³ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 39.

e mal-educado, pois, ao invés de ensinar o filho a ter boas maneiras, fazia o contrário, repreendendo-o apenas de modo formal, quando este encontrava-se perto de alguém, ou quando estava só, agraciava-o, dando-lhe beijos. Não podemos esquecer também que Cubas era filho de um senhor de escravo, e como tal, vivenciava a relação do pai com os escravos, em que havia o dominante e o dominado, num regime de servidão, no qual a violência por parte do senhor com relação a seus escravos era constante. Deste modo, Cubas cresceu sobre esse contexto histórico e cultural da sociedade escravocrata colonial, provavelmente repetindo comportamentos agressivos que observava.

Muitos anos depois, quando Cubas já estava adulto e inclusive havia se formado em Direito, na Universidade de Coimbra, a personagem, caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro, deparou-se com uma cena impressionante: um preto estava vergalhando outro em uma praça. Por coincidência, o homem que estava chicoteando o outro escravo era Prudêncio, o escravo que seu pai havia libertado alguns anos antes e que convivia com Cubas, quando pequeno.

No episódio, podemos perceber que Prudêncio, após ser libertado pelo pai de Cubas, sendo um homem livre, podia trabalhar, dormir e folgar a qualquer momento, utilizando das vantagens que sua liberdade lhe proporcionava. Contudo, não era isso que acontecia, pois Prudêncio era reflexo do próprio sistema de escravidão da época e, ao violentar seu escravo, estava praticando as mesmas atitudes que um dia sofrera, enquanto escravo da família Cubas. Agora, liberto, colocava em

prática todo aquele ódio e maus-tratos que sofrera; livre então, também repetia as mesmas palavras ao preto que estava vergalhando, do mesmo modo que Cubas dizia a ele, quando era mais novo, mandando o escravo calar a boca e chamando-o de besta. Vejamos o episódio:

Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: - Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão! – Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma, diabo! – dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

- Meu senhor! – gemia o outro.

- Cala a boca, besta! – replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

- É, sim, nhonhô.

- Fez-te alguma coisa?

- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

- Está bom, perdoa-lhe – disse eu.

- Pois, não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!¹⁴

Neste episódio, alguns momentos nos chamam atenção, retratando a nova vida de Prudêncio em comparação com sua vida

¹⁴ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 111.

anterior. Primeiramente, Prudêncio agora era chamado de senhor por seu escravo; isto nos mostra que de escravo adquiriu autoridade de senhor; depois, ao presenciar Cubas e dialogar com este, Prudêncio se amolece e volta à condição de submisso, como se nunca houvesse saído dela, o que não era mentira, diante daquele momento histórico. Também, o ex-escravo ao dizer para Cubas que este mandava e não pedia, reafirmava sua condição de submissão e do processo cultural e identitário em que Prudêncio se colocava, enquanto escravo e de acordo com a sociedade em que estava inserido.

O próprio Cubas chegou a essa conclusão, ao realizar algumas reflexões, após o episódio:

Saí do grupo, que me olhava espantando e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe

pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!¹⁵

Concomitantemente, nos chama atenção o modo irônico com que Assis¹⁶ narra alguns episódios da obra, inclusive temos como exemplo desse seu estilo de linguagem a comparação que Cubas faz do episódio do vergalho, comparando Prudêncio com um homem doido que conheceu, chamado Romualdo e que dizia ser Tamerlão, sendo esta sua grande e única mania:

- Eu sou o ilustre Tamerlão – dizia ele. – Outrora fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros. Pobre Romualdo! A gente ria da resposta, mas é provável que o leitor não se ria, e com razão; eu não lhe acho graça nenhuma. Ouvida, tinha algum chiste; mas assim contada, no papel, e a propósito de um vergalho recebido e transferido, força é confessar que é muito melhor voltar à casinha de Gamboa; deixemos os Romualdos e Prudências.¹⁷

Através dessa passagem da obra, percebemos que a personagem que acreditava ser Tamerlão, ao tomar tanto tártaro, se transformou em Tártaro e até mesmo rei dos Tártaros, adquirindo a

¹⁵ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 111.

¹⁶ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

¹⁷ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 111-112.

virtude de fazer tártaros. Assim, Assis¹⁸ utiliza-se do recurso da repetição da palavra *tártaro*, para comparar a história de Tamerlão com a de Prudêncio, que, ao sofrer tanto na mão de Cubas, quando era escravo desse, após ser alforriado pelo pai de Cubas, adquiriu os mesmos comportamentos violentos de seu antigo senhor e passou a agir do mesmo modo violento, descontando tal rigidez no escravo que acabou adquirindo, vergalhando ele no meio da praça.

Para Douglas Colin Muecke¹⁹, foi no final do século XVIII e início do século XIX que a palavra *ironia* passou a ter diversos significados novos. Os significados antigos e as diferentes maneiras de ser irônico não se perderam no tempo, o qual onde antes via-se a ironia como algo intencional e instrumental, alguém que tinha um propósito e usava a linguagem ironicamente, agora com os novos significados, foi possível considerar a ironia como sendo não intencional e algo observável e ao mesmo tempo, representável na arte.

Toda essa condição em que Prudêncio estava inserido era reflexo do sistema escravocrata e senhorial brasileiro, que, pensando apenas em explorar o escravo em benefício próprio, fazia com que os senhores apreciassem apenas o resultado da produção e não trabalhassem no sentido de educar, proteger e dar assistências e garantias aos escravos, fazendo com que estes pudessem manter-se dentro dos padrões de vida da sociedade da época, e até mesmo após a

¹⁸ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

¹⁹ MUECKE, Douglas Colin. *A Ironia e o Irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 34-35.

desagregação do regime escravocrata e senhorial, em que os escravos passaram a ter contato com a sociedade de classes.

Isso explica o comportamento de Prudêncio, que, sem ter as condições necessárias para educar-se, repetia o comportamento violento e de submissão, fruto do mundo em que vivia, dentro das normas da elite senhorial. Todavia, se compararmos o momento histórico de Prudêncio com o período da transição dos escravos para o sistema de trabalho livre, o que não foge à regra, veremos aquilo que Florestan Fernandes²⁰ afirmava:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial operou-se no Brasil, sem que os cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou outra qualquer instituição assumissem encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. O liberto viu-se convertido, sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva.

Deste modo, sem amparo legal do Estado e da Igreja, Prudêncio, assim como todos os outros escravos, não tiveram a mínima condição de sobreviver numa sociedade de classe, em que predominava

²⁰ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: GB, 1964, p. 3.

o padrão de uma cultura elitista. Do mesmo modo, com a abolição da escravidão, “[...] a atenção dos senhores volta-se especialmente para os seus próprios interesses. Os problemas políticos que os absorviam diziam respeito a indenizações e aos auxílios para amparar a “crise da lavoura””.²¹

Utilizando São Paulo como exemplo, mas que também podia ser pensado na cidade do Rio de Janeiro, cenário do romance de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Fernandes²² explica que a cidade surgia como o primeiro centro urbano especificamente burguês, marcando os homens por uma mentalidade extremamente mercantil, com sua ambição pelo lucro e pela riqueza. Assim, tinha-se a ideia de que o “trabalho livre”, a “iniciativa individual” e o “liberalismo econômico” eram os ingredientes para o “progresso”, que propiciaria o desenvolvimento de nosso país, em contraposição a um Brasil atrasado, levando nossa civilização à condição de uma nação civilizada. No entanto, o negro era um elemento perdido no meio dessa sociedade e, mesmo quando conseguia inserir-se no sistema de ocupações, não conseguia evoluir, tendo melhores condições de vida.

Deste modo, faltava ao negro:

[...] coragem para enfrentar ocupações degradantes, como os italianos que engraxavam sapatos, vendiam peixes e jornais, etc.; não era suficientemente

²¹ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: GB, 1964, p. 4.

²² FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: GB, 1964.

“industrioso” para fomentar a poupança, montando-a sobre uma miríade de privações aparentemente indecorosas, e para fazer dela um trampolim para o enriquecimento e o “sucesso”; carecia de meios para lançar-se às pequenas ou às grandes especulações, que movimentavam os negócios comerciais, bancários, imobiliários e industriais; e, principalmente, não sentia a ferrete ânsia de poder voltado para a acumulação da riqueza. Onde mantinha posições dignificadoras (como artesão independente ou comerciante de viandas e de quinquilharias), onde conquistava alguma ocupação promissora (como funcionário público e como trabalhador livre, a jornal ou permanente), apegava-se a modelos de ação variavelmente pré e anti-capitalistas.²³

Tanto antes como escravo e principalmente após a abolição como negro liberto, a sociedade brasileira largou o negro a seu próprio destino, sem instruí-lo e educá-lo para viver em sociedade e especificamente, depois da abolição, no regime republicano capitalista. As consequências desse ato foram diversas, pois o negro enfrentou grandes dificuldades para manter-se na nossa sociedade, tanto no meio educacional como no mundo do trabalho, no qual presenciamos até hoje preconceitos e dificuldades deste na inserção de classe da sociedade brasileira.

Jacob Gorender²⁴, em seu trabalho sobre a escravidão brasileira, em que tem o propósito de examinar o procedimento analítico que conduziu a redesenhar o perfil da escravidão com o

²³ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: GB, 1964, p. 7-8.

²⁴ GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

objetivo explícito de reabilitá-la, nos mostra que a Abolição não se realizou e a Lei Áurea proclamou o que não houve. Segundo o historiador²⁵:

O escravo foi sempre considerado o inimigo, do qual só se devia esperar insubordinação ou, no melhor dos casos, resignação para “passar a vida” com menos sofrimento. Por isso mesmo, a liberdade – ou seja, o desprendimento da condição servil – foi o prêmio máximo colocado no horizonte da perspectiva existencial do escravo.

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que Cubas não gostava de estudar e não trabalhava, sendo que via o trabalho manual como algo a ser praticado apenas pelos escravos. Tal atitude é típica do homem branco europeu aventureiro, como bem dizia Sérgio Buarque de Holanda²⁶, e da cultura elitista senhorial da época. Cubas bacharelou-se em Direito na Universidade de Coimbra, porém não se dedicou aos estudos como era para ser feito por quem procurava uma profissão digna para seguir; ele apenas via no diploma uma carta de alforria que lhe dava não só a liberdade mas também novas responsabilidades, igual ao escravo, quando se torna livre, visto de uma outra perspectiva. Vejamos:

E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra.

²⁵ GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 32.

²⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades – principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver – de prolongar a Universidade pela vida adiante...²⁷

A questão do ensino superior na sociedade à qual Cubas estava vinculado relacionava-se a um modelo de erudição intelectual, com fins de ostentação, em detrimento do desenvolvimento da vida política e das forças produtivas que havia no período, criando, assim, um conjunto de letrados, detentores de uma cultura humanística, porém com uma retórica sofisticada, mas vazia, abandonando as massas populares à

²⁷ ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 58.

ignorância. A formação superior contribui para as desigualdades sociais que havia e também para a opressão de classe.²⁸

Com relação aos estudos de Cubas, Calabresi e Bittar²⁹ dizem que a carreira a qual a personagem principal seguiu baseava-se “[...] nas perspectivas de se alcançar proeminência, glória e prestígio social, uma distinção em relação aos outros grupos sociais”. Podemos concluir que Cubas, como um representante da classe senhorial, não apresentava uma vocação para os estudos, pouco se importando com estes.

Por fim, não podemos nos esquecer do amigo de infância de Cubas, o Quincas Borba, que, em uma recordação do defunto autor, lembra-se do dia em que encontrou Borba mendigando na rua e, em um breve diálogo entre eles, mandou Borba o procurar, pois talvez pudesse lhe dar um emprego e, ao mesmo tempo, deu uma nota de cinco mil-réis a ele e disse que poderia ganhar muito mais, caso trabalhasse.

Parece que a miséria lhe calejara a alma, a ponto de lhe tirar a sensação de lama. Arrastava os andrajos, como outrora a púrpura: com certa graça indolente.

- Procure-me – disse eu -, poderei arranjar-lhe alguma coisa.

[...] Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis – a menos limpa – e dei-lha. Ele recebeu-ma

²⁸ CALABRESI, Luís H. de F.; BITTAR, Marisa. A formação superior nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Os Irmãos Karamázovi*, de Fiódor Dostoiévski. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n. 44, p. 171-188, dez. 2011.

²⁹ CALABRESI, Luís H. de F.; BITTAR, Marisa. A formação superior nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Os Irmãos Karamázovi*, de Fiódor Dostoiévski. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n. 44, dez. 2011, p. 179.

com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota no ar, e agitou-a entusiasmado [...].

[...] – Pois está em suas mãos ver outras muitas – disse eu.

- Sim? – acudiu ele, dando um bote para mim.

- Trabalhando – concluí eu.³⁰

Nesta passagem percebemos que Cubas sugeriu ao amigo de infância que trabalhasse, mas nem mesmo Cubas reconhecia no trabalho a dignidade, porém exige o do mendigo. Segundo Schwarz³¹, “[...] nos dois casos trata-se para ele de ficar por cima, ou, mais exatamente, de ficar desobrigado diante da pobreza. Não deve nada a quem trabalhou, mas quem não trabalha não tem direito a nada [...]”.

É assim que, através do romance das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, encontramos exemplos claros da dominação dos senhores de terra, diante de uma cultura elitista, em oposição aos mais pobres, especificamente aqui os escravos, representados por Prudêncio, e até mesmo os mais desfavorecidos, como Borba. E, do mesmo modo, Cubas, que refutava o trabalho manual como representante da classe senhorial, opta pelo estudo, como símbolo de status e liberdade social, mas não se dedica aos estudos. O contrário ocorre com o negro Prudêncio que, livre, não tem condições para se manter numa sociedade dominada pelos brancos, e, sem estudo e educação, repete o

³⁰ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 100.

³¹ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 1990, p. 67.

comportamento de seu antigo senhor, isto é, de Cubas. Com a Abolição o mesmo ocorreu, pois o negro liberto não teve as condições necessárias para manter-se numa sociedade de classes.

É importante ressaltar também, como nos mostra Emília Viotti da Costa³², que o senhor de terra, ao possuir escravos, poderia usufruir de um elevado status social, pois o domínio de escravos dava ao indivíduo posição social.

Considerações finais

Em nosso texto fica claro como constituía-se a escravidão no século XIX, bem como o escravo de modo geral, simbolizado aqui por Prudêncio, diante de todo o sofrimento e opressão que enfrentava, quando livre adquiriu os mesmos comportamentos de seu senhor, especificamente de Cubas, que o maltratava ainda quando criança. Assim, Prudêncio, que já estava inserido no mundo da liberdade, pôde comprar um escravo e viver conforme as regras de sua emancipação, mas não foi isso que ocorreu, pois o ex-escravo ainda via em Cubas, como vimos no episódio do vergalho, o seu legítimo senhor, para o qual colocava-se no papel de submisso de onde tudo deveria obedecer. Seu comportamento manteve-se o mesmo de seu antigo senhor, violento e agressivo, pois vergalhava o preto que havia comprado no meio de uma praça, do mesmo modo que sofrera antes, e dizia os mesmos

³² COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

xingamentos que Cubas lhe dizia, quando Prudêncio se encontrava na condição de escravo.

Concluimos também que violência gera violência e não é um aparato educativo, visto que o senhor do meio escravocrata não pensava nas instruções de seus escravos, apenas os queria como mão de obra barata, com o propósito de executarem todo o trabalho pesado. Após a Abolição o negro se encontrou perdido, maltratado e excluído da sociedade de classes. Não à toa a discussão da violência sofrida pelos negros e todas as questões relacionadas ao preconceito ainda é muito discutida hoje em dia, inclusive sobre formas de medidas políticas e assistências sociais, a fim de sanar a dívida do homem branco europeu com os negros.

Referências

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALABRESI, Luís H. de F.; BITTAR, Marisa. A formação superior nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Os Irmãos Karamázovi*, de Fiódor Dostoiévski. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 44, p. 171-188, dez. 2011.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFF, 1986. v. 4.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Rio de Janeiro: GB, 1964.

GORENDER, Jacob. **A escravidão reabilitada**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUECKE, Douglas Colin. **A Ironia e o Irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Editora 34, 1990.

Recebido em 15/04/2017, aceito para publicação em 23/07/2017.